Para a história da pintura na Misericórdia do Porto – os retratos de J. Glama, Mendes Lima e Domingos F. Vieira

Paula Maria M. Leite SANTOS *

Segundo o P.e Rebelo da Costa em 1789, data da sua *Descrição Topográfica da Cidade do Porto*, a Santa Casa da Misericórdia era a demonstração mais evidente da assistência aos miseráveis, a quem socorria pela mediação de uma Irmandade composta de quase dois mil Irmãos, cujo governo era dependente de uma Corporação ou Mesa de Irmãos Nobres, e Peões, em que presidia um Provedor. Entre outras práticas sociais com grande peso no Porto setecentista, administrava o Real Recolhimento das Órfãs e oito hospitais (o Real ou de Roque Amador, o dos Expostos, Presos, Entrevados, Lázaros, Lázaras e o das Velhas) [1].

Por esta época tinha a congregação como membros os mais respeitáveis clérigos, além dos seculares que eram admitidos e onde se contavam os maiores beneméritos da cidade. Neste sentido, a sua vasta galeria de retratos é significativa de que a agremiação era na verdade um "monumento de piedade", no dizer do P.e Rebelo da Costa, e nos 366 indivíduos que constam no seu catálogo há pelo menos dezoito a que forçosamente temos de dar relevo porque pertencem ao século XVIII, época em que ainda são pouco frequentes estas manifestações. Aqui reveste-se de especial interesse a fase que medeia entre 1760-90, em que estiveram activos três artistas ainda pouco conhecidos do nosso meio: João Glama Ströberlle, Francisco Mendes Lima e Domingos Francisco Vieira.

Destes retratos pode tirar-se proveito cultural interessante, sobretudo o analista da arte portuense que neles encontra valiosos meios de estudo, até porque tem ao dispor um organizado arquivo. É digno de reparo que sendo a maior parte dos estudiosos da pintura do Porto ávidos de documentos, só ultimamente tenham vindo a juntar ao seu material de pesquisa o de uma corporação tão prestigiada. Regina Pereira dos Santos aqui encetou um levantamento de manuscritos do século XVIII permitindo-lhe realizar um estudo fundamentado sobre Domingos Teixeira Barreto na Misericórdia e dissertar sobre o seu

---

* *Museu Nacional de Soares dos Reis.*

[1] COSTA, P.e Agostinho Rebello da – *Descripção Topografica, e Historica da Cidade do Porto*. Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, pp. 97, 98.

Património Artístico na Universidade Portucalense Infante D. Henrique [2]. Este acervo de documentos veio proporcionar novos progressos à investigação, como a que levou a efeito Antonieta Vaz de Morais na sua Tese de Mestrado em História de Arte dedicada à galeria de retratos que abrange o século XIX [3]. Estes estudos denotam uma desproporção entre a importância da pinacoteca oitocentista e os retratos setecentistas, em que por vezes os artistas descem a níveis de grande amadorismo, e talvez seja por isso que esta parte antiga da galeria tenha vindo a receber menor atenção, ao invés do que vem sucedendo com outros pintores, tais como Joaquim Vitorino Ribeiro e António Carneiro, honrosas excepções que ainda há bem pouco conheceram divulgação na revista *O Tripeiro*, no seu último número de 1999 dedicado ao V Centenário da prestimosa instituição social [4].

Retomando os retratos em presença, eles são enfim mais um contributo para a história da pintura da Santa Casa, a qual recebeu já um considerável aumento com a tese assinada por Antonieta Vaz de Morais, como vimos. No entanto, a nosso ver justificam ponderação as suas classificações relativas a João Glama, em obras carecidas de suporte documental e que não gozam de tradição atributiva na galeria, a saber, o fidalgo Luís Correia Pacheco, José Monteiro de Almeida e Corregedor Luís Tomás Esteves da Silva, onde cremos que interferem factores como falta de rigor no desenho e de harmonia cromática. Mais credível será o busto do Desembargador Vicente José de Sousa Magalhães, que apresenta afinidades estilísticas com o retrato do Marquês de Pombal da Real Companhia Velha, mas o argumento sai enfraquecido porque tal obra permanece no mais decepcionante anonimato.

Tentemos então prosseguir um pouco esses estudos, não sem referir que a conservação da pintura de benfeitores começou há meses na Santa Casa da Misericórdia, no âmbito do sector do Património Cultural, atalhando problemas de degradação prioritários e fazendo justiça à memória desta instiuição modelar que foi exemplo de soberania na cultura dos portuenses.

Vamos ficar com João Glama Ströberlle (1708-1792) começando por lhe conceder algumas notas biográficas. Era de origem austríaca sendo de crer que tenha nascido em Lisboa já que os pais integravam o séquito da princesa D. Mariana de Áustria, que nesse ano casou com D. João V. Discípulo de Domingos Vieira (Lusitano) na capital, estudou em Roma onde foi premiado

---

[2] SANTOS, Regina M. Andrade Pereira dos – *Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia do Porto: Dinâmica da sua conservação no século XVIII* (Seminário apresentado em Ciências Históricas – Variante do Património na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1995); *Idem* – "*Domingos Teixeira Barreto, Artista e Irmão da Misericórdia do Porto: Subsídios para o estudo da sua obra*". *Poligrafia:* Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, n.º 5 (1996).

[3] MORAIS, Maria Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 3 vols. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001 (texto policopiado).

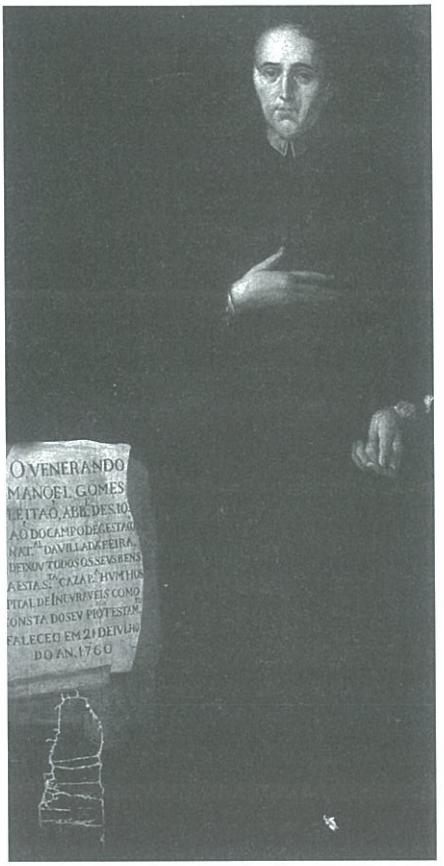
[4] Veja-se: VASCONCELOS, Flórido – "O pintor Joaquim Vitorino Ribeiro, em memória e louvor de um portuense ilustre". *O Tripeiro*. Porto: Associação Comercial, 7.ª série, ano XVIII, n.º 12 (Dez. 1999), pp. 361, 362; SAMAGAIO, Estevão – "António Carneiro e a Misericórdia do Porto", *idem*, pp. 363-369; SANTOS, Regina M. Andrade Pereira dos – "Património Artístico da Misericórdia do Porto"..., pp. 370-377.

na Academia de S. Lucas e um dos membros da Arcádia Romana. Factor determinante nessa fase foi a protecção de D. José Maria Fonseca e Évora, embaixador de Portugal na Santa Sé, sagrado Bispo do Porto em 1741. O patrocínio do mecenas teve eco na vida do pintor conferindo-lhe projecção no meio clerical. Assim o nome de Glama está ligado ao ambiente artístico portuense em finais do reinado de D. João V, na época pombalina e sob o governo de D. Maria I, quer pela via do retrato e da pintura retabular quer pelo traçado de alguns edifícios. De uma forma ou outra participou em obras significativas do *rocaille*, com incidência na zona do centro histórico: S. Nicolau, Vitória, S. Pedro de Miragaia, S. João Novo, S. Francisco, Misericórdia, Clérigos e Carmo. Além deste sério contributo para a arte local, notável é também o número de retratos civis que realizou, onde se incluem caracterizações de famosos, entre os quais José Moreira da Cruz, pertencente ao Museu Nacional de Soares dos Reis, e o do proprietário do Palácio de S. João Novo, peça do mesmo quilate que acabamos de localizar numa colecção lisboeta. A fama de Glama irradiou para outras regiões nortenhas, onde já demos a conhecer o vulto da Sé de Viana com o industrial João da Rocha, fundador da Fábrica de Miragaia, e onde é imprescindível nomear o ciclo de oito painéis dos altares laterais da Sé de Braga, referentes à reforma empreendida na catedral por D. Gaspar de Bragança – de todas estas obras temos vindo a dar conta em vários periódicos, como a revista *Museu*, o mensário *Tripeiro*, os *Cadernos Vianenses* e a *Fórum*[5]. Malogradamente os casos que podemos apontar relativamente a certos estabelecimentos religiosos em nada abonam em favor da política de recuperação do património diocesano, que descreve para os exemplos supra citados da zona histórica situações agudíssimas em matéria pictural!

Na Misericórida do Porto – tema fulcral do nosso ensaio – as qualidades do sucessor de Vieira Lusitano estão à vista em obras precoces, datáveis dos anos sessenta, o que vem demonstrar claramente que na instituição foi um dos primeiros retratistas a trabalhar.

---

[5] Veja-se: SANTOS, Paula M. M. Leite – "Colecções monásticas de Pintura no Museu Soares dos Reis". *O Tripeiro*: Associação Comercial. 7.ª Série, Ano XVI, n.os 4-5 (Ab.-Mai. 1997), pp. 122--131(I. 'O acervo de Pintura dos conventos do Porto – S. Francisco'); n.os 11-12 (Nov.-Dez. 1997), pp. 342-350 (III. 'A colecção de Pintura do Mosteiro de Tibães'); *Idem* – "O retrato de João da Rocha". *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: Câmara Municipal. Tomo XX (1996), pp. 157-168; *Idem* – "Oito painéis de João Glama Ströberlle na Sé Catedral de Braga". *Forum*, n.º 28 (2001), Universidade do Minho, pp. 43-71; *Idem* – "Glama nos Clérigos: evocação de um pintor quase ignorado no Porto". *O Tripeiro*. Porto: Associação Comercial, 7.ª série, ano XX, n.º 5 (Mai. 2001), pp. 147-153; idem, n.º 6 (Jun. 2001), pp. 177-182; *Idem* – "Glama em S. Francisco no Porto: documentos inéditos para o estudo da Ordem seráfica". *Boletim dos Amigos do Porto* (no prelo); *Idem* – "Croquis, academias e outros estudos de João Glama no Museu Nacional de Arte Antiga". *Vária Escrita:* Câmara Municipal de Sintra, pp. 161-189.



❑ **Retrato do Venerando Manuel Gomes Leitão, Abade de Gestaço – 1760**

João Glama Ströberlle (1708-1792)

Óleo s/ tela. A. 186 cm ; L. 96 cm (196 x 106 totais c/ mold.)

Ass.: Não se detectou

Insc.: No canto sup. esq.º "O VENERANDO/ MANOEL GOMES/ LEITÃO, ABB.E DE S. IO/ ÃO DO CAMPO DE GESTAÇO/ NAT.AL DA VILLA DA FEIRA,/ DEIXOU TODOS OS SEUS BENS/ A ESTA S.TA CAZA P.A HUM HOS/ PITAL DE INCURAVEIS COMO/ CONSTA DO SEU PIO TESTAM.TO/ FALECEO EM 21 DE IULHO/ DO AN. 1760"

Hist.: Autoria confirmada através de um desenho preparatório em papel c/ quadrícula, pertence ao Museu Nacional de Arte Antiga.

Ref. doc.: Não se encontra documentado nos livros de despesas correntes.

Cons.: Tela muito obscurecida por acumulação de sujidade e amarelecimento de vernizes; perfurações (no canto inf. esq.º) e destacamento da camada polícroma no bordo e zona superior; emendas pelo reverso.

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, p. 7.

Inv. 307/ 83 SCMP (Hospital Geral de Santo António – dependências)

A magnitude do legado do Venerando Gomes Leitão em favor da edificação de um hospital para incuráveis deve ter sido um dos actos a suscitar maior

impacto na comunidade, a crer nos termos do testamento, lavrado e aprovado em auto a 5 de Jullho de 1760, onde deixava a seus irmãos José Carlos Leitão e Mariana Luísa o rendimento dos seus bens móveis e de raíz, incluindo juros de dívidas, estabelecendo que por falecimento do último passaria o rendimento para o Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto destinando-se à construção de um novo hospital para indigentes [6].

A influência deste elemento fica demonstrada no retrato que João Glama lhe fez em 1760, previamente desenhado a sanguínea em papel com quadrícula – informação que aqui trazemos gostosamente à luz do dia e com a segurança do esboço assinado que foi meio-caminho andado para a classificação do óleo [7]. Notar ainda que os acessos à tela e a uma eventual inscrição de autoria só serão possíveis quando se proceder a uma intervenção de restauro, acção que entretanto já se está a encarar.

Na ordem cronológica devemos ser desde logo sensíveis à data do painel: temos consciência de que se vem somar em linha directa ao retrato mais qualificado do Bispo D. Frei Maria da Fonseca e Évora, na verdade o primeiro quadro assinado pelo nosso pintor em 1749, que conhecemos na Irmandade dos Clérigos.

O quadro do Venerando Gomes Leitão foi há meses retirado do salão nobre do Hospital de Santo António, juntamente com os restantes quadros da galeria hospitalar, e assim o nome do Abade de Gestaço, concelho de Baião, passou do reino das celebridades para o reino dos esquecidos da importante organização assistencial. Por tudo isto, a atribuição a J. Glama através do escorço a sanguínea foi uma coincidência feliz, não só valorizando a obra mas até porque a sua leitura permite descobrir detalhes que à vista desarmada se não vêm no óleo: de facto, num fundo negro mal se vislumbra a sotaina negra com faixa e o colarinho branco, o chapéu e o desfiar dum rosário.

❑ **Retrato do Padre Caetano Mendes de Matos – 1764 c.**

João Glama Ströberlle (1708-1792)

Óleo s/ tela. A. 90 cm ; L. 69 cm

Ass.: Não ostenta

Insc.: No canto sup. esq.º "O R. DO BENEFICIADO/ CAETANO MENDES/ DE MATTOS"

Hist.: Vd. ref. doc.

Ref. doc.: Não se encontra documentado no livro de despesas correntes.

Cons.: Restaurado em 1989 tendo-lhe sido substituída a moldura entalhada.

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, p. 4; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos* ..., vol. III, p. 7.

Inv. 160/ 83 SCMP (Hospital da Prelada – Auditório)

---

[6] ASCMP, H, Bº 6, 20, f. 149v-151.

[7] *Um padre com um terço nas mãos*. Sanguínea c/ toques de giz branco c/ quadrícula a lápis. A. 36,3 cm; L. 22 cm. Ass. no canto inf. dir.º "J. Glama" (Inv. 2976 MNAA).

O principal interesse deste quadro da galeria da Misericórdia, representada no Hospital da Prelada, consiste em definir um estilo de retrato em meio-corpo. São típicos de Glama: a valorização do rosto em relação ao corpo que mal sobressai de um fundo escuro e a posição da mão junto às vestes. Resta apreciar a boa caracterização do prelado em que ganham forma os mais delicados traços da face e o cabelo grisalho com *solideo*; ao trabalho paciente acresce o contraste luminoso que ilude as debilidades do corpo, nomeadamente do braço que se dobra junto ao peito e a posição da outra mão, a condizer com a pose do Abade de Gestaço.

A propósito do retratado, é importante conhecer algumas linhas biográficas extraídas do Termo de Óbito da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, S. Pedro e S. Filipe Néri, vulgo Irmandade dos Clérigos. Aí se declara que na Rua Chã da freguesia da Sé residiu o Reverendo, falecido a 25 de Novembro de 1764 e sepultado com honras de beneficiado na Catedral [8]. Mas no traslado do seu Testamento, lavrado em 22. 09. 1763, no Paço da Duquesa de Abrantes, freguesia de Santo André de Canidelo, diz-se ser este o local de residência do testador, que instituíu como herdeira universal sua irmã, Maria Jacinta Rosa, sob condição de permanecer solteira e de fazer professar votos de religiosos a seus sobrinhos, José Mendes e Ana Joaquina Clara. Por morte da testamenteira, passariam os seus bens móveis e de raiz para a Santa Casa da Misericórdia do Porto, a fim de constituir mais um enfermeiro e enfermeira no hospital de D. Lopo. O Testamento vem seguido do respectivo Auto de Aprovação, lavrado a 23. 09. 1763, e de um Rol de Propriedades [9].

❑ **Retrato do Reverendo Dr. Francisco Xavier de Araújo – 1767 c.**

João Glama Ströberlle (1708-1792)

Óleo s/ tela. A. 106 cm; L. 80 cm (126,5 cm; 101 cm totais c/ mold.)

Ass. Não se detectou

Insc.: "O R.DO D.OR FR.CO XAVIER/ D'AR.º BEMFEITOR DES=/ TA S.TA CAZA FALECEO/ EM 23 DE 7.BRO DE 1767"

Hist.: Vd. ref. doc.

Ref. doc.: Não se encontra documentado no livro de despesas correntes.

Cons.: Obscurecimento por sujidade e oxidação de verniz; perfuração na zona inferior.

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, p. 5; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos* ..., vol. III, p. 9.

Inv. 185 SCMP

Representa um progresso notório na arte de retratar – responsabilidade que Glama assumiu desde 1749, pelo menos, e segue o método tradicional em que faz parte o recurso ao fundo de cortinado repuxado deixando ver uma estante de livros e o assento em damasco carmim no qual contrasta a vestimenta escura

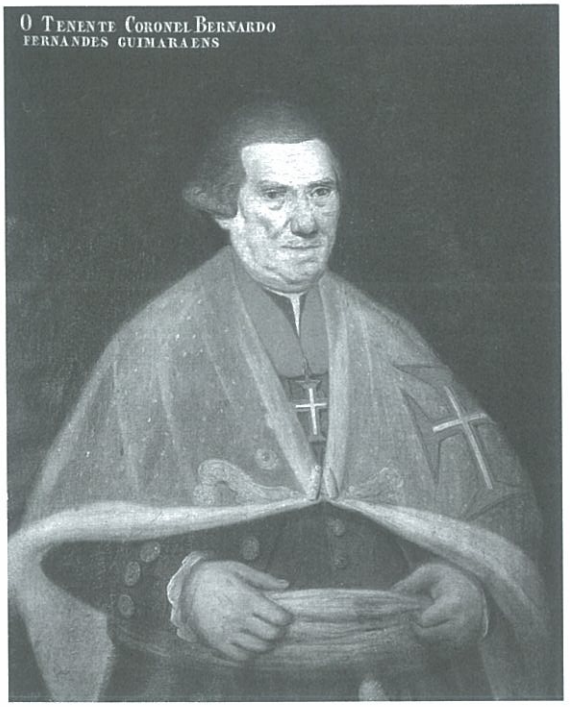
[8] AIC, Entradas e óbitos, 33, f. 291.
[9] ASCMP – H, B.º 6, 20, f. 151v 153v.

de murça e capa. O reverendo ilustre, de face cheia onde nasce farto cabelo negro, posa sentado junto a um suporte (coberto de seda vermelha) onde apoia o braço segurando o chapéu. Se até aqui nada de especial temos a assinalar, observando de perto vemos o semblante grave de olhar penetrante deste homem ainda novo, que parece ter sido retratado *de visu* de tal modo é individualizada a expressão.

E no seio da comunidade religiosa, a quem diz respeito este retrato dependente de morosa observação de que muito se deve orgulhar a Misericórdia portuense? Sabemos que era natural do lugar das Aldas (Sé) e morava na Rua das Flores vindo a falecer a 23 de Setembro de 1767, segundo regista o Termo de Óbito lançado no respectivo livro de assentos da Irmandade dos Clérigos, igreja onde foi sepultado após ter legado 400 mil reis para a enfermaria clerical e mais 80 mil para o ofício de corpo presente [10]. Para conhecer outros detalhes biográficos está acessível o traslado do seu Testamento, datado de Setembro de 1767, e respectivos Autos de Aprovação de 15. 09. 1767 e de Abertura em 23. 09 1767. Naquele assina o pio testador como Frei Cristóvão de S. Boaventura, irmão da Ordem Terceira de S. Francisco, membro da Irmandade dos Clérigos e leitor de Moral, que institui por sua herdeira e testamenteira a Santa Casa da Misericórdia do Porto em favor das obras pias declaradas [11].

---

[10] AIC, Entradas e óbitos, 36, f. 252; AIC, Testamentos, 85, 1741-1779.
[11] ASCMP – H, B.º 6, 20, f. 172-177v.



❑ **Retrato do Tenente Coronel Bernardo Fernandes Guimarães – 1788**

João Glama Ströberlle (1708-1792)

Óleo s/ tela. A. 99 cm; L. 78 cm

Ass. e dat. no canto inf. esq.º, com o monograma a tinta vermelha "IG f. 1788"

Insc.: No canto sup. esq.º "O TENENTE CORONEL BERNARDO/ FERNANDES GUIMARAENS"

Hist.: Domingos F. Vieira pode ter sido o mediador da encomenda a J. Glama, pelo que recebeu 11 705 rs. a 03. 03. 1789; no mesmo ano o pintor também havia de retratar o militar para a Ordem Terceira de S. Francisco.

Ref. doc.: Vd. Hist.

Cons.: Suficiente

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, p. 5; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos ...*, vol. III, p. 16; SANTOS, Regina M. Andrade Pereira dos – *Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia do Porto..*, p. 132.

Inv. 210/ 83 SCMP (Provedoria)

Quando foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo, o portuense Bernardo Fernandes Guimarães, que residia na freguesia de Santo Ildefonso, era Tenente Coronel de Ordenança. Foi inicialmente caixeiro em Guimarães. O pai foi alfaiate e o avô materno exerceu o ofício de carpinteiro [12].

---

[12] ANTT, Ordem de Cristo, Habilitações, letra B, maço 12, n.º 122; Registo Geral das Mercês, Mercês de D. José I, Liv. 1, f. 452.

No Brasil estabeleceu residência em Santos (S. Paulo). Entre 1736 e 1774, pelo menos, foi contratador da entrada das minas de Goiás. Em 1747 foi juiz dos órfãos do estado da Baía. Num documento datado de Novembro de 1746 *Termo de assentada sobre os limites do bispado de S. Paulo* ele foi testemunha [13]. Faleceu a 3 de Abril de 1790 e foi sepultado na capela da Ordem Terceira de S. Francisco, segundo consta do Termo de Óbito lançado no respectivo livro da Irmandade dos Clérigos, onde se faz constar que se lhe rezaram os três ofícios previstos no estatuto [14].

Através destas informações biográficas e a factores de outra ordem ficamos a saber que este militar de origem plebéia, emigrado em terras de além-mar, foi benfeitor dos Clérigos, Irmão da Santa Casa da Misericórdia do Porto e da Ordem Terceira de S. Francisco. O conhecimento de três retratos em cada uma das instituições vem em reforço da idéia de que foi realmente uma individualidade; aqui se inclui o retrato desaparecido de João Glama para os Terceiros franciscanos que está documentado a 22 de Abril de 1789, tendo orçado em 38 400 reis, valor sem dúvida correspondente a um corpo-inteiro [15].

Mas o primeiro retrato a ser executado é o que se mostra na provedoria da Santa Casa da Misericórdia, um meio-corpo que foi pago em 3 de Março desse mesmo ano, no valor de 11 705 reis, ao pintor-decorador Domingos Francisco Vieira [16]. Está-lhe atribuído por Regina Pereira dos Santos seguida de Antonieta Vaz Marques, mas a leitura que efectuámos do monograma de João Glama vem desmenti-lo categoricamente. Em reforço desta atribuição vem um quadrinho dos Clérigos, adiante descrito, e além do mais a qualidade da representação e valores cromáticos que reafirmam os atributos do retratista, em especial nos anos 80. Na Misericódia deixa-nos uma interpretação do natural com figura avantajada de homem idoso, de olhar amável e face sulcada. O característico véu de ombros e a Cruz de Cristo a cobrir a casaca aberta deixando ver uma faixa formam a indumentária do eminente militar. Dominam o branco, castanho e vermelho dos tecidos sobre um fundo neutro.

Tirada deste meio-corpo é a reduzida efígie do cartório dos Clérigos, também atribuível a J. Glama, cujo valor é meramente documental já que sob o ponto de vista plástico é insignificante; aqui o homenageado vem descrito nestes termos: "O N: ÎRMÃO EX DEPVTADO O CORONEL BER/ NARDO FERNANDES G.ES CAVALHEIRO POR/ FEÇO NA ORDEM DE CHRÎSTO BENF/ EÎTOR DO HOSPÎTAL DESTA VENRV.EL/ IRMAND.E FALECEV A 3 D'ABRIL DE/ 1790 REQUÎESCAT~/ ÎN PACE ".

---

[13] Dados obtidos graças à consulta no Arquivo Histórico Ultramarino, S. Paulo, 5059, 1748, 1736, 1737, 1738, 1739, 1756, 1253, 1740, 1811, 1753, 1747, 1745, 1746, 1723, 2615, 2357, 1918, Minas Gerais, 5048, 5515.

[14] AIC, Entradas e óbitos, 36, f. 297.

[15] AOTSF, papéis do secretário, anos de 1787-90, cota: 457, ano de 1788-89, fólio solto.

[16] ASCMP – L, B.º 5, 25, f. 214 (pagamento de 11 705 rs. a 03. 03. 1789).

***

Vamos em 1788, vinte anos após a data em que se confirma a autoria do pintor Francisco Mendes Lima de obra para a Santa Casa, desde logo o refeito corpo-inteiro de D. Lopo de Almeida, a cujo abastado legado se ficou a dever a edificação da capela-mor da Igreja da Misericórdia, e do não localizado do Capitão Fernandes Calvos – sobre todas as qualidades destes vultos, exaltadas pelos coevos, sobressai o carácter dinâmico com que se empenhavam no seu ofício ou ministério, onde se destacava a caridade.

Este percurso de Mendes Lima é para acompanhar mas por agora a exploração biográfica do artista está fora do nosso alcance, embora saibamos que trabalhou para Aveiro. Mas não estava no primeiro degrau da pintura local, isso é certo! A ver pela mediocridade dos bustos de João Salgado da Cruz e de Antónia M.ª de S. José, por cada um dos quais se cobrou por avultada quantia.

❑ **Retrato de João Salgado da Cruz – 1769**
Francisco Mendes Lima (act. 1768-71)
Óleo s/ tela. A. 100 cm; L. 82 cm
Ass. : Não ostenta
Insc.: JOÃO SALGADO/ DA CRUZ/ FALECEO EM/ 18 DE AGOSTO/ DE 1763."
Hist.: Vd. ref. doc.
Ref. doc.: ASCMP – H, B.º 4, n.º 2, f. 44 (pagamento de 12 800 rs. em 1769)
Cons.: Mau estado; obscurecimento por sujidade.
Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, pp. 1, 12; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos* ..., vol. III, p. 12; SANTOS, Regina M. Andrade Pereira dos – *Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia do Porto*..., p. 125.
Inv. 37 SCMP

❑ **Retrato de Antónia Maria de S. José – 1769**
Francisco Mendes Lima (1768-71)
Óleo s/ tela. A. 100 cm; L. 82 cm
Ass. Não ostenta
Insc.: "ANTONIA MARIA/ DE S. JOZE"
Hist.: Vd. ref. doc.
Ref. doc.: ASCMP – H, B.º 4, n.º 2, f. 44 (pagamento de 12 800 rs. em 1769)
Cons.: Mau estado; perfurações e obscurecimento por sujidade.
Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, pp. 5, 11; SANTOS, Regina M. Andrade Pereira – *Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia do Porto*..., p. 125.
Inv. 201 SCMP

Elementos considerados essenciais na modalidade do retrato, como o valor expressivo e o plano cromático, nem sempre estão garantidos nas efígies dos benfeitores que são proeminentes nos acervos eclesiásticos. Admite-o este par em pequena escala que não atrai particular interesse para a produção artística

da década de sessenta. Isto lança a questão do amadorismo na pintura da época cuja fasquia não era obrigatoriamente elevada. Não sendo empolgantes representações, o que nos suscita a analisá-las é o seu significado social, que a documentação põe a claro. Se acompanharmos o testamento de João Salgado da Cruz, o resultado conta bastante para o conhecimento do quadro social da urbe na fase pombalina. Põe-nos debaixo dos olhos um rico negociante do Porto e abastado proprietário, com casas na Rua da Biquinha e Viela de Palma, uma quinta na Senhora do Castelo em Vila Nova de Gaia e prédios na Cruz da Pedra, arredores de Guimarães. Informação não menos importante é que foi accionista da Companhia das Vinhas do Alto Douro, em associação com Domingos Rodrigues de Almeida, ascendendo o seu capital a cerca de 100 mil cruzados. Instituíu como herdeira a Santa Casa da Misericórdia do Porto, em favor da qual deixava 50 mil cruzados para estabelecimento *in perpetum* de cinco capelanias do coro e, entre os demais *items*, consta outro donativo no mesmo valor, de cujo rendimento a Santa Casa mandaria vestir cinco pobres em dia de S. João (véstia e calção de Saragoça, meias, sapatos, fivelas, camisas, chapéu e rosário). Faleceu o capitalista em 18 de Agosto de 1763 tendo-se feito Escritura de Aceitação a 18 de Outubro de 1767. [17]

***

A pintura no Porto tem marcas que não escaparam à influência de estrangeiros, como é o caso do pintor e mestre-dourador Domingos Francisco Vieira (fal. 1804), que herdou a técnica e o ideal da paisagem através do ensino que lhe proporcionou o francês Jean Pillement na Aula da Porta do Olival. Há uma série de vistas a óleo oriundas da colecção Allen que ilustram a acção daquele paisagista na cidade, em que esta corrente viria a constituir um valor próprio que temos de realçar: são demonstrações de uma prática de atelier que antecedeu o ensino público a que deram curso as academias do século XIX.

Dentro de um horizonte cronológico, que podemos considerar tardio em função do *rocaille* em que se enquadra a acção de Glama e M. Lima para Misericórdia, está a participação de Domingos Vieira na vertente figurativa do retrato cobrindo abordagens que se conciliaram com o seu duplo papel de pintor-dourador. Há a constatar que vem sendo possível fazer uma reconstituição do seu cadastro profissional, entre as reformas da Santa Casa, como pintor e dourador, e as obras da Irmandade dos Clérigos. Permitimo-nos esboçar uma cartografia da sua obra para o último número da revista *Poligrafia* [18], com referência a uma série de obras de talha dos anos sessenta e depois oitenta-noventa, que dão uma idéia do que foram as reformas do interior da igreja subsequentes à intervenção de Nasoni. Em resumo, podemos dizer que o pintor do Olival interveio no douramento dos altares laterais do *Ecce Homo* e de *Nossa Senhora da Misericórdia* entre 67-68, retomou serviço nos anos oitenta com o doura-

[17] ASCMP – H, B.º 6, 20, f. 178, 179.

[18] SANTOS, Paula M. M. Leite – "Novos dados sobre arte portuense: o mestre-pintor Domingos Francisco Vieira". *Poligrafia*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, (2001), (no prelo).

mento das molduras dos treze painéis da *Quinta-Feira Santa,* e precisamente em 1789 interveio na reforma da capela-mor da igreja na pintura e douramento da talha (obra cometida a Joaquim Teixeira Guimarães) além de dourar os castiçais da banqueta e do trono; por fim, entre 92-93 ocupar-se-á da pintura para o Hospital de Santo António e da Santa Casa, serviços que se prolongaram em obra diversa incluindo o retrato.

O que cabe dizer no campo de operações da Igreja dos Clérigos é que se lhe deve imputar, entre muita obra, em 1785 a reforma do altar do Despacho, inclusivé encarnar e estofar a *Nossa Senhora da Assunção* e a pintura da *Urna da Santa Parentela*, enquanto na igreja lhe coube o altar do Santíssimo e a direcção de toda a obra da sacristia com douramento do altar de 1764 (talha no tecto, fornecimento de tintas e mão de obra de pintura deste tecto e paredes) e para a capela-mor, com magnífico retábulo de mármore de 1773, interveio em parceria com o pintor citado João Glama, (autor da tela da *Assunção)*, cabendo-lhe os fornecimentos e douramento da talha (silvas) das seis colunas.

Oportunidade final para retomarmos a sua intervenção na galeria da Misericórdia participando com as efígies de José de Campos Silva, o benfeitor falecido em Amsterdão em 1788, e Manuel F. Pereira, entre outros por classificar.

❑ **Retrato de José de Campos Silva – 1782**

Domingos Francisco Vieira (fal. 1804)

Óleo s/ tela. A. 99 cm; L. 78 cm

Ass.: Não ostenta.

Insc.: No canto sup. esq.º "JOZE DE CAMPOS S.ª/ BEMFEITOR DESTA/ S.tª CAZA FALECEO EM/ AMSTERDAM EM 15/ DE OUTUBRO DE 1788"

Hist.: Executado em 1782 conforme ordem de pagamento de Inácio Pedro Henckell.

Ref. doc.: Não se detectaram.

Cons.: Suficiente.

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, p. 4; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos* ..., vol. III, p. 15.

Inv. 183/ 83 SCMP

Não apresenta características especiais além do registo na ordem de pagamento que a tela ostenta, onde se infere que o retrato do benfeitor foi mandado executar seis anos antes do seu passamento: "Amster dam 1782 Sam// 200500000/ Avizo e (?) se pagou por esta nota (?)/ de cambio p. ordem dos Sr.es Inacio pedro Henckell/ ao S.r Dom.os Fr.co Vr.ª/ Porto/ Joze de Campos Silva".

❑ **Retrato do benfeitor Manuel Francisco Pereira – 1794 c.**

Domingos Francisco Vieira (fal. 1804)

Óleo s/ tela. A. 100 cm; L. 85 cm

Ass. e dat. s/ uma carta "D. F. V.ª/ Porto".

Insc.: No canto sup. esq.º "M.EL FR.CO P.RA BEMFEI-/ TOR DESTA S.TA CAZA/ FALECEO EM 12 DE/ OUT. DE 1794".

Hist.: Vd. ref. doc.

Ref. doc.: ASCMP – L, B.º 5, n.º 31, f. 196 (pagamento de 7 200 rs. a 26. 11. 1794).

Cons.: Mau estado.

Bibl.: *Inventário dos Retratos de Benfeitores*. Porto: SCMP, 1983, pp. 7, 13; MORAIS, M. Antonieta Vaz de – *Pintura nos séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos* ..., vol. III, p. 17; SANTOS, Regina M. Andrade Pereira dos – *Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, p. 133.

Inv. 270 SCMP (Hospital de Santo António – 1.º piso)

Vem na mesma linha do retrato de José de Campos Silva com o retratado a exibir um documento, onde consta a identificação do pintor. Corresponde a uma fase particularmente activa do pintor-dourador ao executar mais três retratos, infelizmente ainda por identificar, documentados no mesmo ano, entre outras obras de douramento.

Lamenta-se o facto de ter sido inesperadamente apeado da galeria do Hospital de Santo António, mas pela fotografia de arquivo vê-se a mesma a fórmula da carta identificativa da autoria. E à falta do original, é com dificuldade que se lê: "Ao Snr. Manoel Fran/ cisco Per.ª Negociante/ D. F. V.ª/ Porto".

A composição emoldura-se em forma oval, segundo um esquema conhecido das colectâneas de gravura setecentistas, e ao mesmo tempo descobre o amadorismo do retratista resumindo-se a delineamentos simples, colorido apagado e total ausência de valor expressivo. Não admira, tendo em conta a rapidez com que foi executado, o curto espaço de um mês!

Em duas palavras:

A exposição da pintura de Glama, Mendes Lima e Domingos F. Vieira, embora circunscrita ao exemplo da Santa Casa da Misericórdia, não deixa dúvidas quanto às diferenças qualitativas que os distinguem, em desfavor dos segundos. No caso do último pintor do Olival esta inferioridade limita-se ao retrato e não significou a inexistência de outras práticas que englobam a direcção de obras, a pintura e o douramento de imagens e de talha.

O percurso aqui traçado é pontuado, no que se reporta aos direitos autorais de J. Glama Ströberlle, pelo desenho preparatório do painel do Abade de Gestaço e pelas duas classificações do catálogo de 1983 relativas aos retratos de Caetano Mendes de Matos e Dr. Francisco Xavier de Araújo, assim como a leitura do monograma do meio-corpo do Tenente-Coronel Bernardo Fernandes Guimarães. Quanto aos restantes, baseiam-se na relação documento-obra, que por enquanto só admite a paternidade de Mendes Lima relativa ao casal Salgado da Cruz e do mestre Domingos Vieira, pelo menos no que diz respeito ao vulto do negociante Francisco Pereira.

Créditos fotográficos

António Pinto (Guifões – Matosinhos)

Agradecimentos

Prof. Doutora Natália Marinho Ferreira-Alves (Presidente do II Congresso Internacional do Barroco); Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Universidade Católica – Porto); Sr. José Luís Novaes (Provedor da SCMP); Dr.ª Regina Maria Andrade Pereira dos Santos (Património Cultural SCMP); Dr.ª Maria Alice Azevedo e Dr.ª Maria da Luz Saraiva (Arquivo SCMP); Dr. Vítor Ribeiro (Director do Hospital Geral de Santo António).